A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS: UMA ESTRATÉGIA PARA A RECUPERAÇÃO E INCENTIVO DE ALUNOS QUE INTEGRAM O PROGRAMA APRENDER MAIS (PAM)

ROSANA GOMES JARDIM DA CRUZ PENHA[1]

RESUMO

A leitura é um processo de construção para o significa do texto, é fonte de aquisição de conhecimento, abrangência cultural e de comunicação com o mundo. Por isso, o presente elaborado: A arte de contar histórias: Uma estratégia para a recuperação e incentivo de alunos que integram o Programa Aprender Mais (PAM) visou abordar as formações que compõe a utilização da literatura e as histórias populares, devidamente segmentadas em gêneros, na escola. É uma proposta que incentiva a contação de histórias como forma de promover não somente a leitura, mas de apresentar ao educando a imensidão de aprendizado que esta pode realizar, transformando-o em, talvez, um leitor apaixonado. Este projeto tem público-alvo os alunos do Ensino Fundamental que integram o Programa Aprender Mais (PAM) da rede de São Bernardo do Campo, cujo desenvolvimento de aprendizagem em sala possa ter sido afetado, ou não devidamente desenvolvido, por diversas situações como, por exemplo, o período de pandemia, ocasionado pelo Covid19, entre os períodos de 03/2020 a 06/2021, que datou o momento em que as aulas foram realizadas de maneira síncronas ou assíncronas. Esse projeto se desenvolve através da capacitação de educadores cujas formações incluem a abordagem de produção textual e desta maneira, estes obtiveram formações para que pudessem atuar, também, no desenvolvimento da contação de histórias que, com a orientação e mediação do professor formador, discutiram sobre a utilização da ferramenta contação de história. Dada as formações adquiridas durante o presente ano letivo, juntamente com o que professor formador trazia de informações pontuais acerca da diferença que a leitura pode fazer no desenvolvimento do educando, objetivou-se a elaboração deste artigo.

Palavras-chave: Leitura. PAM. Contação de histórias.

1. INTRODUÇÃO

A contação de histórias é um ato que remonta da antiguidade, tão quão a própria história da humanidade, e por se tratar de uma ferramenta tão antiga, porém eficaz, tem sido considerada, por grande parte dos lingüistas, uma das estratégias mais benéficas para a construção da linguagem oral e escrita e para a leitura de mundo e para o reconhecimento do indivíduo enquanto ser humano, na sociedade.

As pessoas de todas as idades se fazem atraídos para narrativas que apresentem outras possibilidades, outros períodos do mundo em que vivemos, o imaginário se desprende e dá lugar a novos cenários, personagens enredos e vivências.

Ao conciliar a contação de história dentro de atuações educadoras nos processos de alfabetização e letramento, obtém-se uma resposta afirmativa que pode se tornar uma aliada na construção do desenvolvimento das dificuldades que o processo de aprendizagem demanda. "A fala seria uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral (situa-se no plano da oralidade, portanto), sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano. Caracteriza-se pelo uso da língua na sua forma de sons sistematicamente articulados e significativos, bem como os aspectos prosódicos, envolvendo, ainda, uma série de recursos expressivos de outra ordem, tal como a gestualidade, os movimentos do corpo e a mímica" (MARCUSCHI, 2000, p. 25).

Contar uma história age como um ato libertador, desde que este seja realizado com compromisso e responsabilidade para com o outro.

"É, no entanto, bastante interessante refletir melhor sobre o lugar da oralidade hoje, seja nos contextos de uso da vida diária ou nos contextos de formação escolar formal. O tema não é novo e tem longa tradição" (MARCUSCHI, 2010, p. 24).

Desta maneira, respeitando e honrando o compromisso com o outro, os professores têm desempenhado papel de suma importância no processo da contação de história, uma vez que essa tem sido aliada para o desenvolvimento de técnicas de alfabetização e letramento.

Contar histórias deve atribuir sensações a todos os sentidos, vai muito além de só tocar o coração, é o angariado de informações que, enriquecendo a leitura de mundo na trajetória de cada um.

A contação de histórias é um momento que permite a troca mágica que envolve todos os presentes. Quando conta uma história, o professor cria um ambiente de cumplicidade com os educandos remetendo a memórias que fogem ao momento presente.

E tal qual seria a comparação de leituras antigas onde os educandos viram platéia atenta as histórias, se reunindo e os contadores de história são os professores, que perpetua o elo entre o aluno e o livro.

E, podendo prolongar o prazer desen-

volvido ao ouvir a história, o educador pode partilhar o livro. O ato de contar histórias é próprio do ser humano, e o professor pode apropriar-se dessa característica e transformar a contação em um importantíssimo recurso de formação do leitor.

"Mas ler em voz alta não é suficiente, é preciso contar também, oferecer nossos tesouros, desembrulhá-los na praia ignorante. Escutem, escutem e vejam como é bom ouvir uma história. Não há melhor maneira de abrir o apetite de um leitor do que lhe dar de farejar uma orgia de leitura". Pennac (1993, p. 124).

2. DESENVOLVIMENTO

Considera-se que nos anos iniciais do Ensino Fundamental seja o momento em que a criança aprenda a ler e a escrever, subjugando-a como apta a dominar os conceitos da escrita das palavras. Ao se falar do norteador da aprendizagem a compreensão das regras que transformam o educando em um leitor desenvolvido em sua escrita, reflete num conjunto considerável de desafios, o que pode gerar insegurança e uma série de erros na produção escrita das crianças.

... o ato de ler é incompleto sem o ato de escrever. Um não pode existir sem o outro. Ler e escrever não apenas palavras, mas ler e escrever a vida, a história. Numa sociedade de privilegiados, a leitura e a escrita são um privilégio. Gadotti (1988, p. 17).

Os educandos comumente apresentam dificuldades que são partes essenciais do processo natural de desenvolvimento da linguagem oral e neurológica, o que leva a reflexão sobre as crianças precisarem superar etapas dos desenvolvimentos linguístico e neurológico/cognitivo, conjunto que aponta a concretização para que o aprendizado da leitura e da escrita no devido momento.

Gadotti (1988) afirma que: "Ensinar o trabalhador apenas a escrever o seu nome ou assiná-lo na Carteira Profissional, ensiná-lo a ler alguns letreiros na fábrica como 'perigo', 'atenção', 'cuidado', para que ele não provoque algum acidente e ponha em risco o capital do patrão, não é suficiente." Pode-se voltar essa fala para a criança e concluir que somente interpretar o símbolo não se faz suficiente para a compreensão de mundo.

Para aprender a ler e escrever, é fundamental que a criança tenha um pleno desenvolvimento da linguagem oral, ou seja, que ela possa reproduzir, ainda que errante, as correspondências entre os sons falados e as letras escritas.

A leitura é um processo inerente à condição humana. Freire (2005) afirma que a leitura de mundo antecede à da palavra, de maneira que, ao nascermos somos leitores do mundo e nossas ações decorrem dessa leitura. Sendo ela capaz de inspirar sentimentos, valores, condutas e a celebração da própria vida.

Bamberger (1995) afirma que a "leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade. Trabalhar com a linguagem é trabalhar com o homem". Desta maneira, identifica-se na leitura o exercício de um importante papel no crescimento e desenvolvimento aluno, atribuídos as suas potencialidades e, ao seu rendimento escolar.

Ao se apropriar do sistema de leitura o indivíduo passa a compreender a interpretação de mundo, encontrando-se sujeito da própria história. Adquirindo consciência dos processos que interferem na sua existência como ser social e político. É imprescindível que os diversos segmentos da sociedade convençam-se da importância da leitura e, desta forma, da escrita.

E nesse contexto se identifica a necessidade de que os educadores compreendam a responsabilidade diante da importância da leitura para a vida individual, social e cultural do educando. É na escola que o aluno aprende a valorizar o livro, não como o objeto inato que figurará na estante, mas como fonte de aprendizagem e partilha, que deve ser lido, absorvido. É na escola que o aluno encontra as diretrizes para a prática da leitura. Ziraldo (1988, p. 27), enfatiza: "... a tônica da escola deveria ser a leitura, num trabalho que fizesse do hábito de ler uma coisa tão importante quanto respirar".

No Brasil o incentivo a leitura não é algo recorrente, muitas vezes o contato com a leitura de livros se faz de maneira obrigatória nos ambientes escolares, mas isso é algo estrutural. Na escola se lê o que o currículo demanda, nas faculdades matérias resumidas e assim se desencadeiam os analfabetos funcionais.

Analfabetismo funcional se dá ao grupo de indivíduos que, embora saibam reconhecer letras e números, são incapazes de compreender textos simples, bem como realizar operações matemáticas mais elaboradas.

Desta maneira cabe ao educador a tarefa de instruir os processos de leitura para a formação da criança, já que é o início da aprendizagem para ser leitor, e ser leitor é compreender não só as histórias escritas como os acontecimentos do seu cotidiano.

Abramovich (1989, p. 17) diz também que ler "... é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário!"

A contação de história não limita somente a criar um novo mundo para o ouvinte, mas também ensiná-lo a falar sobre os sentimentos, como: a raiva, a tristeza, alegria, tranqüilidade e tantas outras, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve. É por este motivo que ao

contar histórias é preciso saber criar um ambiente de encantamento, suspense, surpresa e emoção, no qual o enredo e personagens ganham vida, transformando tanto o narrador como o ouvinte.

Atualmente usada como uma ferramenta estrutural de ensino, a contação de história tem ganhado adeptos nos grupos de recuperação escolar, em São Bernardo do Campo, especificamente, há o Programa Aprender Mais, projeto esse voltado a recuperação de crianças que por motivos diversos precisam de recuperação no contra turno.

Esse programa foi desenvolvido pela Secretaria de Educação do município e, tem sido uma ferramenta muito importante para garantir a retomada do ensino em São Bernardo, especialmente neste período de pandemia, onde os alunos precisaram de um apoio a mais no aprendizado.

O projeto disponibiliza aos estudantes 8 horas a mais de aulas semanais planejadas pelas profissionais atribuídas que planejam e desenvolvem aulas que vão além de tira dúvidas, buscando a assimilação de todo o conteúdo das disciplinas.

2.1 METODOLOGIA

Foi realizada uma entrevista com a, também, professora da Rede de São Bernardo do Campo, Karina Viana Amigo que atualmente tem uma turma de 2º ano e atua como professora no Projeto Aprender Mais (PAM).

Recém integrante a Rede, a profissional identifica, por meio de questionário o que tem percebido sobre a contação de história no Projeto, como tem sido o retorno dos alunos, principalmente nesse pós pandemia que o Brasil vive.

Nas perguntas direcionadas a professora, destacou-se o que era o projeto e como ele intervinha dentro da aprendizagem das crianças que necessitaram de recuperação.

1 – O que é o Projeto Aprender Mais (PAM)?

R: O PAM é um programa de São Bernardo do Campo, desenvolvido pela Secretaria de Educação do município, que visa auxiliar todo o aluno que tenha a necessidade de suporte de aprendizagem, é um programa voltado a recuperação e desenvolvimento de alunos a partir do terceiro ano, que se divide em alfabetização e letramento e também em produção textual, dividindo os aluno mediante as suas necessidades de aprendizagem, tendo a sala um número reduzido de alunos, o que ajuda na organização e direcionamento da aula, o aluno é melhor assistido e tem suas dificuldades trabalhadas e sanadas.

2 – Como os profissionais do PAM adéquam a contação de história dentro dos processos de recuperação, parceiros da alfabetização e letramento?

R: Antes de trazer uma história para a sala de aula, no primeiro momento, você deve identificar o seu grupo, atualmente minha turma tem 12 alunos, no todo, mas conto com evasores e são alunos que atualmente estão nos 4ºs e 5ºs anos. A minha turma é voltada a produção textual. A contação pode ser dividida de acordo com a necessidade, na faixa etária em que atuo tento trazer livros como a Odisséia, leio capítulos, fazemos reflexão, reescrita, apontamos os personagens, criamos novos momentos, comparamos com atualidades, mas lembrando que todos os gêneros são abordados e desenvolvidos.

A minha colega atua com alfabetização e letramento e quando discutimos estratégias vemos que a contação de história atua como um leque, dando oportunidades para todas as necessidades de utilização em sala de aula, para as práticas mencionadas há algumas atividades que quando, devidamente, atribuídas tem um resultado satisfatório, como a leitura desinibida de uma das nossas alunas recentemente, que por vontade própria escolheu um livro e leu parte dele para a turma.

3 – Qual a importância da contação de história na prática educativa?

R: A contação de história, antes mesmo de auxiliar como ferramenta para alfabetização e letramento é um conjunto de indicadores efetivos para situações desafiadoras, assim como fortalecem vínculos sociais, educativos e afetivos. Você traz o educando para ti e nessa troca a aprendizagem fica muito mais significativa, é o momento em que ele também tem voz.

4 – O que a contação de história tem favorecido no PAM?

R: Desenvolvimento, envolvimento, participação. Os educandos dão um retorno positivo sobre receberem a história, sobre similaridades com outras, exemplo de Hanzel e Gretel, eles têm interagido sobre palavras cujo significado não conheçam, a troca é mutua.

5 – Dentro do Projeto vocês destacam quais objetivos que surtem melhor retorno?

R: Aprimoração do gosto pela leitura, colocando os estudantes em contato com diversos gêneros textuais;

Ler e produzir textos a partir das práticas orais e contação;

Ampliar a linguagem oral;

Desenvolver habilidades corporais e

vocais para expressividade;

6 – Dos retornos que a contação de história pode trazer, o que vocês identificam de significativo a princípio?

R: O aumento da vontade da criança de expressar e comunicar seus pensamentos e sentimentos. A contação de histórias tem aberto portas que ajudam na recuperação do tempo que o educando perdeu por quaisquer que tenha sido o motivo,

7 – Fala sobre as formações que os profissionais PAM realizam:

R: Mensalmente temos formações sobre as melhores maneiras de atuar dentro do projeto e uma das formações foi especificamente sobre a contação de história, principalmente sobre levar em consideração aspectos para o sucesso na hora da contação de histórias em sua sala de aula, como as expressões e gestos utilizados, de maneira a imitar os personagens; a escolha do espaço físico e os ambientes devem ser harmoniosos e aconchegantes, onde não aconteçam distrações, sendo importante mostrar ao educando a imensidão que a leitura propicia.

2.2 RESULTADO E DISCUSSÃO

De acordo com o retorno da professora entrevistada, nota-se que a contação de história não se limita dentro dos anos iniciais da educação, ela se estende e atua como ferramenta eficaz e ativa dentro dos processos de recuperação. É uma aliada ferrenha no processo de alfabetização e letramento.

CONIDERAÇÕES FINAIS

Ao abordar A Arte de Contar Histórias: uma estratégia para a recuperação e incentivo de alunos que integram o Programa Aprender Mais (PAM), buscava-se a informação sobre como a contação de história poderia fazer a diferença na aprendizagem, contudo, o encontrado foi ainda mais relevante, pois mostra a essencialidade de momentos como a contação para a instrução do indivíduo dentro do seu meio social e tão importante quanto, cabe ressaltar a importância que as ações como a do projeto destoa, pois, envolve atividades práticas de

"contação de histórias", com finalidades educativas e recreativas, a fim de melhorar a qualidade de leitura e escrita da criança.

E dentro de todo o contexto do senso comum que a criança traz, obtém-se a configuração da escrita depende do modo de ser e de viver deste, como viveu, o que leu, escutou ou aprendeu na escola.

Abramovich (1989, p. 16) salienta que "é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo".

Ao falar da leitura e escrita, não podemos defini-las somente como a interpretação e reprodução do símbolo em um papel, mas devemos identificar como, também, a exteriorização do eu, das vivências, dos momentos e a hora em que há a liberação dos sentimentos, emoções.

É importante que durante o processo de escrita a criança consiga transcrever e apresentar parte de sua vida em uma folha seja ela branca, pautada, colorida, enfim, é o momento em que o educando deve fazer com que um pouco dela chegue até outras pessoas.

E, desta maneira, que ele não fique mais vazia por isso, pelo contrário, desenvolva sua compreensão pelo mundo, eduque-se para que a cada idéia, instruam-se pensamento, sensações e emoções.

Deve-se destacar que projetos como o desenvolvido em São Bernardo do Campo, traz um ganho duplo, para o aluno que retorna a atividades que podem desenvolvê-lo um leitor crítico e opinativo e para o educador que resgata esse costume tão antigo, mas que atua como uma ferramenta tão eficaz e uma vez que esta se recupera o número de atividades pedagógicas que poderão ser desenvolvidas se torna enorme, pois são as atividades de âmbitos pedagógicos que auxiliam nos encaminhamentos psicológicos e culturais dentro da comunidade escolar.

Entre eles, pode-se citar: o incentivo e o gosto pela leitura; o prazer pelas narrativas que reúnem texto, som e imagem; a aprendizagem em trabalhar com o texto oral por meio de um suporte tecnológico, objeto de total aceitação e interesse do nativo digital; o resgate da oralidade, seja por meio do texto impresso, seja pelo digital; o estabelecimento da relação entre história contada e a produção de textos; a aproximação do leitor das diferentes possibilidades de leitura; Acredita-se que essa seja mais uma forma, e não a única nem a principal, a formar leitores críticos, transformadores de realidades.

REFERÊNCIAS

___. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 43. ed. São Paulo Cortez, 2002.

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

BAJARD, Elie. Afinal, onde está a leitu-

ra? Cadernos de Pesquisa. São Paulo. Nº33, novembro, 1992 p. 13.

BAMBERGER, Richard. Como incentivar o hábito de leitura. São Paulo: Abril, 1995.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: Magia e Técnica, arte e política. Ensaios sobre Literatura e histórias da cultura. Obras escolhidas, v.1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERBERIAN, A. P.; MASSI, G. Pais, filhos e letramento: ressignificação de histórias de leitura e escrita no contexto da fonoaudiologia. In: BERBERIAN, A. P.; MORI-DE ANGELIS, C. ; MASSI, G. (org.) Letramento: referências em saúde e educação. São Paulo: Plexus, 2006.

BETTELHEIM, B. A psicanálise dos contos de fadas. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

CASCUDO, Luís da C. Contos tradicionais do Brasil. 12. ed. São Paulo: Global, 2003.

COSTA, F. M. Os grandes contos populares do mundo. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

FACCI, M. Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor? Capítulo Quatro: O trabalho do Professor na Perspectiva da Psicologia Vigotskiana. Brasil. Ed. Autores Associados, 2004.

FERREIRO, E. Com Todas as Letras. São Paulo: Cortez, 1999. v.2.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. São Paulo: Cortez, 2005.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz

GADOTTI, Moacir. O que é ler? Leitura: teoria e prática. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

MATOS, Gislayne Avelar; SORSY, Inno. O ofício do contador de histórias: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Pesquisa social. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

REVISTA LUMEN. FALCÃO, Rosa Costa. ALBUQUERQUE, Targelia de Souza. A avaliação na educação infantil: uma abordagem à luz da pedagogia de Paulo Freire. Fafire tradição e modernidade. 2016.

PENNAC, Daniel. Como um romance. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PRIETO, Heloísa. Quer ouvir uma história: Lendas e mitos no mundo da criança. São Paulo: Angra,1999. Col. Jovem Século XXI.

SISTO, Celso. Texto & pretextos sobre a arte de contar histórias. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

VILLARDI, Raquel. Ensinando a gostar de ler: formando leitores para a vida inteira. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.

ZIRALDO. A escola não está preparada para a mágica da leitura. Nova Escola,/ Fundação Victor Civita, nº. 25, out. 1988.